


CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA DE ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA NOTURNA DE CACULÉ/BA

CURRICULUM AND PEDAGOGICAL PRACTICES IN HIGH SCHOOL EJA: A CASE STUDY IN A PUBLIC NIGHT SCHOOL IN CACULÉ/BA

CURRÍCULO Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN LA ESCUELA SECUNDARIA EJA: UN ESTUDIO DE CASO EN UNA ESCUELA PÚBLICA NOCTURNA DE CACULÉ/BA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-201>

Data de submissão: 22/08/2025

Data de publicação: 22/09/2025

Alexandre Francisco Brito

Mestre em Ensino

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: xandecle123@gmail.com

Lília Aparecida Rocha dos Santos Brito

Especialista em Metodologia do Ensino de Biologia e Química

E-mail: liliacle246@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo de caso realizado em uma escola pública estadual localizada em Caculé, Bahia, que oferece exclusivamente o Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno. O objetivo foi analisar como o currículo é implementado e quais práticas pedagógicas são adotadas para atender às especificidades dos estudantes jovens e adultos. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou análise documental, observação participante e entrevistas com professores, coordenador pedagógico e estudantes. Os resultados revelam um esforço dos docentes em adaptar os conteúdos curriculares à realidade dos alunos, por meio de metodologias dialógicas e contextualizadas, embora persistam desafios relacionados à evasão, à sobrecarga curricular e à falta de formação específica dos professores. Constatou-se que a prática pedagógica na EJA requer sensibilidade, flexibilidade e valorização das experiências de vida dos educandos. O estudo evidencia a importância de políticas públicas que garantam suporte pedagógico, materiais didáticos adequados e formação continuada para qualificar a oferta da EJA no Ensino Médio.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Currículo. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This article presents a case study conducted in a state public school located in Caculé, Bahia, which exclusively offers Secondary Education in the Youth and Adult Education (EJA) modality during the evening shift. The objective was to analyze how the curriculum is implemented and which pedagogical practices are adopted to meet the specific needs of young and adult students. The qualitative research employed document analysis, participant observation, and interviews with teachers, the pedagogical coordinator, and students. The results reveal the teachers' efforts to adapt curricular content to the students' reality through dialogical and contextualized methodologies, although challenges remain regarding dropout rates, curricular overload, and the lack of specific teacher training. It was found that pedagogical practice in EJA requires sensitivity, flexibility, and appreciation of the learners' life experiences. The study highlights the importance of public policies that ensure pedagogical support,

adequate teaching materials, and continuous training to improve the quality of EJA in Secondary Education.

Keywords: Youth and Adult Education. Curriculum. Pedagogical Practices.

RESUMEN

Este artículo presenta un estudio de caso realizado en una escuela pública estatal ubicada en Caculé, Bahía, que imparte exclusivamente educación secundaria en la modalidad nocturna de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). El objetivo fue analizar cómo se implementa el currículo y qué prácticas pedagógicas se adoptan para atender las necesidades específicas de los estudiantes jóvenes y adultos. La investigación, con un enfoque cualitativo, empleó análisis de documentos, observación participante y entrevistas con docentes, el coordinador pedagógico y estudiantes. Los resultados revelan los esfuerzos del profesorado por adaptar el contenido curricular a la realidad estudiantil mediante metodologías dialógicas y contextualizadas, aunque persisten desafíos relacionados con la deserción escolar, la sobrecarga curricular y la falta de formación docente específica. Se constató que la práctica pedagógica en la EJA requiere sensibilidad, flexibilidad y valoración de las experiencias de vida de los estudiantes. El estudio destaca la importancia de políticas públicas que garanticen apoyo pedagógico, materiales didácticos adecuados y formación continua para mejorar la oferta de EJA en la educación secundaria.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Currículo. Prácticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação básica voltada a pessoas que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade apropriada. No Brasil, pouco mais da metade dos jovens concluem o Ensino Médio até os 19 anos, o que evidencia a importância social da EJA como oportunidade de conclusão da escolaridade básica para milhões de brasileiros (Pereira, 2024). Neste sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n.º 9.394/96 define que a EJA destina-se àqueles que não puderam estudar na idade regular, assegurando-lhes oportunidades educacionais adequadas, considerando suas características, interesses, condições de vida e de trabalho (BRASIL, 1996). Em outras palavras, a EJA busca garantir o direito à educação a jovens e adultos, adequando o currículo e as práticas pedagógicas às especificidades desse público.

Assim sendo, este artigo apresenta um estudo de caso realizado em uma escola pública estadual situada em Caculé, Bahia, que oferece o Ensino Médio na modalidade EJA, no turno noturno. Por questões éticas e de privacidade, o nome da instituição não será divulgado. O objetivo do estudo é analisar como o currículo oficial do Ensino Médio é implementado nessa escola de EJA e quais práticas pedagógicas os docentes utilizam para atender às necessidades dos estudantes jovens e adultos. Busca-se identificar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para promover a aprendizagem e permanência dos alunos nessa modalidade de ensino.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender em profundidade como se dá, na prática, a adequação curricular e metodológica na EJA de nível médio, contribuindo para reflexões sobre melhorias na qualidade da oferta dessa modalidade. Na sequência, apresenta-se a fundamentação teórica acerca do currículo e das práticas pedagógicas na EJA, em seguida a metodologia empregada no estudo de caso e, por fim, os resultados obtidos e discussões correspondentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A EJA está amparada legalmente pela LDB 9.394/96, cujo artigo 37 estabelece que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996). Isto posto, os sistemas de ensino devem garantir, gratuitamente, a esses alunos oportunidades educacionais adequadas, levando em conta suas características específicas, seus interesses e condições de vida e trabalho (Mendonça, 2024).

Historicamente, a oferta de EJA no Brasil esteve associada a programas supletivos e campanhas de alfabetização de adultos. Durante o regime militar, por exemplo, implantou-se o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização, 1964-1985), com foco na eliminação rápida do analfabetismo (Pereira, 2024; Oliveira, 2019). Entretanto, essa abordagem acelerada foi criticada por limitar-se à

decodificação mecânica de palavras, distanciando-se da proposta pedagógica emancipatória defendida por educadores como Paulo Freire (Pereira, 2024; Santos, 2023; Da Silva; De Faria, 2023).

Para Freire, a educação de adultos deve ser libertadora, incentivando os educandos a se conscientizarem criticamente de seu papel na sociedade (Dos Santos, 2025). Tais princípios influenciaram políticas públicas pós-redemocratização, levando à inclusão da EJA como parte da Educação Básica na Constituição Federal de 1988 e à formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA (Resolução CNE/CEB nº 1/2000) (Silva, 2019; Araújo, 2024).

Destarte, a organização curricular da EJA de nível médio, de acordo com as diretrizes nacionais, deve assegurar a mesma Base Nacional Comum Curricular do ensino regular, mas adaptada em duração e metodologia para o público adulto, geralmente por meio de cursos mais flexíveis (BRASIL, 1996). Cada sistema de ensino pode definir a estrutura e a duração dos cursos de EJA, respeitando as diretrizes nacionais. Com isso, muitos programas de EJA organizam o Ensino Médio em formatos acelerados – por exemplo, com conclusão em aproximadamente 18 meses – visando atender aqueles que buscam retomar os estudos de forma mais rápida (Costa; Honorato, 2020).

Contudo, essa aceleração curricular traz desafios. Estudos apontam que tradicionalmente o currículo da EJA reproduziu modelos pensados para o público infantil/juvenil regular, sem considerar plenamente as trajetórias diferenciadas dos alunos adultos. Oliveira (1999) destaca que frequentemente os conteúdos selecionados para a EJA são idênticos aos utilizados no ensino regular infantil, o que infantiliza o processo de ensino dirigido a um público de perfil adulto. Em consequência, parte da historicidade e especificidades da modalidade EJA tende a ser desconsiderada no currículo, tornando-o aparentemente “neutro” e descontextualizado.

Nos últimos anos, houve avanços conceituais e normativos sugerindo a necessidade de um currículo próprio para a EJA. Inclusive, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) enfatizam a educação ao longo da vida e a valorização dos saberes trazidos pelos educandos da EJA (BRASIL, 2000). Entretanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada em 2017 não apresentou um tratamento específico para essa modalidade, incorporando-a apenas como parte do ensino regular (BRASIL, 2017). Nas versões preliminares da BNCC houve menções mais substanciais à EJA, mas na versão final esse ensino foi tratado de forma incipiente, pressupondo que deveria seguir integralmente o currículo regular.

Essa ausência de diretrizes específicas na BNCC gera preocupações sobre como adaptar o currículo às necessidades dos jovens e adultos, recaiando sobre estados e municípios a responsabilidade de ajustar a proposta curricular para esse público. Destaca-se, portanto, a tensão entre cumprir o

currículo nacional padronizado e ao mesmo tempo contextualizá-lo para a realidade dos alunos da EJA (Carvalho, 2020; Assumpção, 2022).

No âmbito metodológico, a EJA requer práticas pedagógicas fundamentadas em princípios da *andragogia* (educação de adultos) e da pedagogia crítico-libertadora. Os educandos da EJA possuem repertórios de experiências de vida diversas, muitas vezes relacionadas ao mundo do trabalho, à família e à cidadania, que podem e devem ser incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem (Bicalho, 2024). Assim sendo, não se trata de ensinar crianças, mas sim jovens e adultos com vivências heterogêneas; isso demanda dos professores uma formação específica e contínua para atuar nessa modalidade. Docentes sem preparo adequado tendem a reproduzir metodologias infantis ou tradicionais, e menos eficazes (Leite *et al.*, 2018; De Melo Moura, 2009).

Uma prática pedagógica recomendada para a EJA é o diálogo e a problematização da realidade, inspirados em Paulo Freire. O professor atua como mediador que valoriza o saber prévio do estudante e utiliza temas – situações do cotidiano dos alunos – para introduzir conteúdos formais, tornando-os mais significativos. Por exemplo, em vez de apenas expor teoria matemática abstrata, o docente pode partir de problemas reais de orçamento doméstico ou de situações do trabalho dos alunos para ensinar conceitos de Matemática. Do mesmo modo, nas aulas de língua portuguesa, a leitura e produção de textos podem envolver notícias, formulários e outros gêneros textuais que os alunos efetivamente encontram em suas vidas. Essa abordagem dialógica aumenta a relevância do currículo, promovendo não só a alfabetização funcional como também a consciência crítica (Oliveira, 2024; Dantas; Oliveira; Oliveira, 2020).

Entretanto, os professores da EJA enfrentam diversos desafios práticos. A evasão escolar é um dos problemas crônicos – muitos alunos abandonam o curso antes de concluir, seja por sobrecarga de trabalho, responsabilidades familiares ou desânimo. Em consequência, uma das preocupações centrais das escolas de EJA é estimular a permanência dos alunos (Silva; Bonamino; Ribeiro, 2012).

Uma pesquisa sobre escolas eficazes em EJA identificou que instituições com bons resultados adotam medidas explícitas para promover a frequência, mantendo disciplina organizacional e orientação curricular coesa, além de contar com equipes pedagógicas integradas e comprometidas com a aprendizagem dos alunos. Nessas escolas, há altas expectativas em relação ao desempenho dos estudantes, e a coordenação pedagógica trabalha em conjunto com os docentes para acompanhar de perto o progresso de cada um (Silva; Bonamino; Ribeiro, 2012).

Resumidamente, a literatura indica que um currículo relevante e flexível, aliado a práticas pedagógicas contextualizadas e a políticas de apoio, como acompanhamento individual e estratégias

de incentivo à frequência, são importantes para a qualidade na EJA. Isto posto, este referencial norteou a pesquisa no caso estudado, conforme descrito na seção seguinte.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, do tipo estudo de caso. O caso examinado foi uma escola pública estadual localizada em Caculé/BA, com à oferta do Ensino Médio na modalidade EJA, no turno noturno. A escolha dessa escola se deu por ela representar o contexto típico de EJA de nível médio em ambiente urbano de porte médio, possibilitando analisar as dinâmicas curriculares e pedagógicas envolvidas.

Os procedimentos metodológicos incluíram coleta de dados por múltiplas fontes: análise documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Inicialmente, foram analisados documentos institucionais e normativos, tais como o projeto político-pedagógico (PPP) da escola, a matriz curricular do EJA Médio estabelecida pela Secretaria de Educação do Estado, planos de aula e diários de classe dos professores. Essa análise permitiu compreender as diretrizes curriculares e o planejamento pedagógico formal.

Em seguida, realizou-se observação em sala de aula ao longo de um bimestre letivo. Foram acompanhadas, de forma não interventiva, aulas em diferentes disciplinas, totalizando cerca de 20 horas de observação. Durante as observações, tomou-se nota das estratégias de ensino utilizadas, da participação dos alunos, dos recursos didáticos empregados e da ambientação geral das aulas.

Paralelamente, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com três professores, o coordenador pedagógico da escola e cinco estudantes regularmente matriculados. As entrevistas com os docentes e o coordenador abordaram questões sobre: concepções do currículo de EJA, experiências e dificuldades na prática em sala, adaptações realizadas nos conteúdos, estratégias para motivar os alunos e minimizar a evasão, entre outros pontos. Já as entrevistas com os estudantes buscaram apreender suas percepções sobre o curso, relevância dos conteúdos, metodologias que consideram mais eficazes e desafios que enfrentam para estudar à noite. Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos participantes e posteriormente transcritas para análise.

Para tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo temática. As observações de campo e transcrições foram codificadas à procura de categorias relacionadas aos eixos de interesse: currículo e práticas pedagógicas. Também emergiram categorias como perfil do aluno e desafios institucionais. Os achados de diferentes fontes foram triangulados, buscando convergências e divergências. Vale ressaltar que, para preservar o anonimato dos participantes e da instituição, optou-

se por não identificar pelo nome a escola, e os entrevistados foram referidos por pseudônimos, conforme os protocolos éticos de pesquisa educacional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola investigada atende atualmente cerca de 180 estudantes matriculados no Ensino Médio EJA, distribuídos em seis turmas. As aulas ocorrem no período noturno, das 19h10 às 22h, de segunda a sexta-feira. O currículo segue a matriz unificada da rede estadual para EJA, contemplando os componentes curriculares tradicionais, porém organizados de forma interdisciplinar em alguns projetos. O curso é acelerado, com duração de dois anos para conclusão do equivalente aos três anos do ensino médio regular, conforme permitido pelas diretrizes de EJA.

O perfil dos estudantes é bastante heterogêneo em termos de idade e trajetória escolar. A maioria é de jovens adultos na faixa de 18 a 25 anos, muitos dos quais interromperam os estudos no ensino fundamental ou no início do médio e retornaram após alguns anos. Há também alunos na faixa dos 30 a 40 anos e uma minoria de idosos (acima de 60) que buscam diploma por motivos pessoais ou profissionais. Notou-se que uma parcela dos alunos é formada por adolescentes que atingiram a idade mínima de 18 anos e optaram pela EJA para concluir mais rápido o ensino médio.

Em termos de perfil socioeconômico, prevalecem trabalhadores do setor de serviços, comércio informal e desempregados, muitos provêm de bairros periféricos da cidade e enfrentam longas jornadas de trabalho durante o dia. Essa condição impacta diretamente sua disponibilidade e energia para os estudos, acarretando desafios de assiduidade e rendimento.

Os dados revelam que a escola procura equilibrar o cumprimento do currículo oficial com a adaptação à realidade dos alunos. Por um lado, os professores se sentem pressionados a cobrir os conteúdos previstos na matriz curricular estadual. De acordo com o coordenador pedagógico, “*não podemos simplesmente cortar conteúdos, pois ao final eles farão provas equivalentes ao ENEM ou exames certificadores; então seguimos o plano, mas de forma condensada*”. Por outro lado, os docentes relataram que muitos temas são trabalhados de forma simplificada e contextualizada, dado o pouco tempo disponível e as falhas de aprendizagem prévias dos estudantes.

Observou-se, por exemplo, que em Ciências os professores privilegiaram tópicos mais ligados ao cotidiano (noções de saúde, meio ambiente, noções de energia) enquanto conteúdos mais abstratos ou detalhados foram apenas mencionados superficialmente. Em Matemática, habilidades práticas como cálculos de porcentagem, medidas no contexto doméstico e finanças básicas receberam ênfase, enquanto conteúdos como geometria analítica ou trigonometria foram resumidos a conceitos essenciais. Essa prática está em consonância com a recomendação de Oliveira (1999) de diferenciar a

organização curricular da EJA daquela do ensino regular, evitando a mera transposição que desconsidera o perfil do adulto.

Contudo, essa adequação curricular nem sempre é sistemática ou suficiente. Alguns estudantes entrevistados expressaram dificuldade em acompanhar certas disciplinas, especialmente aquelas que exigem pré-requisitos dados durante a escolarização anterior. Por exemplo, um aluno de 20 anos relatou: *“Sinto muita dificuldade em Química porque fiquei muitos anos sem estudar e nunca vi isso antes”*. A pausa na educação e, por consequência, o longo período longe da escola tornam difícil retomar conteúdos complexos em curto prazo.

Os professores reconhecem essas limitações e, muitas vezes, priorizam competências básicas em detrimento de todo o conteúdo programático. Essa priorização, embora necessária, gera um sentimento de não suficiência: *“Ficamos com sentimento de não dar conta do currículo inteiro; ao mesmo tempo sabemos que não adianta correr, porque eles [alunos] não vão aprender tudo em tão pouco tempo”* (Professor B, de Matemática).

Desse modo, constata-se na prática uma inanidade entre o currículo prescrito e o currículo ensinado/aprendido, resultado das condições da EJA. Isso reforça a crítica de que a proposta curricular da EJA não pode ser idêntica à regular, sob risco de se tornar inalcançável para grande parte dos alunos.

No que se refere às metodologias e à dinâmica de sala de aula, as observações evidenciaram a adoção de práticas relativamente diversificadas, porém com predomínio da aula expositiva dialogada. Os professores costumam iniciar retomando conteúdos prévios, em formato de revisão, para então apresentar novos tópicos de modo expositivo, utilizando quadro branco e livro didático. No entanto, diferentemente de classes regulares, notou-se um esforço maior em dialogar com os alunos, convidando-os a compartilhar experiências relacionadas ao tema. Por exemplo, em uma aula de Geografia sobre migração e urbanização, a professora incentivou os alunos a relatarem experiências de migração em suas famílias ou conhecidos, conectando o conteúdo à vivência local. Essa estratégia de partir do conhecimento prévio do aluno gerou conhecimento visível – muitos contribuíram com relatos e perguntas, tornando a aula mais participativa. Conforme abordado na fundamentação teórica, trata-se de uma aplicação prática do princípio de Freire de contextualizar o conhecimento na realidade do educando, promovendo significado e motivação.

Outra prática foi o uso de materiais didáticos. Em Língua Portuguesa, a professora utilizou notícias de jornal e textos de interesse prático (como comunicados públicos, propagandas, letras de música) para desenvolver interpretação de texto e gramática. Os alunos se mostraram mais motivados com textos que circulam fora da escola, fazendo ligações com questões da atualidade. Em Matemática, além de exercícios do livro, foram propostos problemas envolvendo situações reais, como cálculo de

descontos em compras e leitura de faturas de serviços, o que os alunos reconheciam como útil: *“Isso eu uso no meu dia a dia, então presto mais atenção”*, comentou um aluno de 25 anos. Tais práticas reforçam a relevância do conteúdo e ajudam a combater a sensação, comum entre adultos, de que certos assuntos *“não servem para nada prático”*.

Apesar dessas iniciativas, observou-se também limitações metodológicas. Nem todos os professores conseguiam implementar pedagogias inovadoras; alguns, por falta de formação ou de tempo para planejamento, recorriam quase exclusivamente à exposição tradicional e exercícios de fixação retirados de apostilas. A infantilização, abordada na literatura, às vezes transparecia sutilmente, por exemplo, no uso de atividades lúdicas demasiadamente simples que pouco dialogavam com a maturidade dos alunos. Uma das professoras entrevistadas admitiu dificuldade em encontrar material apropriado: *“A maioria dos livros didáticos de EJA ainda é muito parecida com os do ensino fundamental regular. Sinto falta de materiais pensados para adultos, então acabo adaptando como posso”*.

Um achado positivo do estudo foi o clima de colaboração e respeito mútuo observado na escola. Os estudantes, em geral, demonstravam muita consideração pelos professores, valorizando sua oportunidade de voltar a estudar. Muitos estabelecem vínculos de amizade e solidariedade com colegas e docentes. Nas aulas, era comum um aluno ajudar o outro em alguma atividade, formando duplas para tirar dúvidas. Houve casos de estudantes mais jovens auxiliando colegas mais velhos em conteúdos de informática básica, e de alunos com mais experiência de trabalho contribuindo com exemplos práticos em discussões.

Essa intergeracionalidade, peculiar à EJA, mostrou-se como um recurso educacional adicional; a troca de saberes entre alunos com vivências diferentes enriquece o processo de aprendizagem. Os professores relataram que procuram incentivar essa interação: *“Aqui todo mundo aprende junto, um aprende com o outro, não importa a idade”* (Professora C, de Ciências Humanas).

Todavia, manter a motivação e a presença constante dos alunos é um desafio permanente. A taxa de evasão na escola, apesar dos esforços, ainda é alta. Dos 180 matriculados no início do ano, cerca de 30% desistiram ou trancaram matrícula até o final do período avaliado. Entre os motivos mencionados pelos próprios alunos evadidos estão: dificuldades de conciliar estudo e trabalho, problemas familiares e de saúde, além de desânimo por achar o ritmo de estudos puxado.

Frente a isso, a escola implementou algumas estratégias: a coordenação pedagógica faz contato telefônico com alunos que faltavam com frequência, buscando entender a situação e motivar o retorno; são oferecidas recuperações paralelas – aulas de reforço e revisões – para os que perdem conteúdos

por faltas justificadas; e projetos temáticos de curta duração são realizados para tornar o ambiente mais acolhedor, de modo a aumentar o senso de pertencimento dos alunos à escola.

As entrevistas reforçaram muitos dos achados observados e trouxeram informações adicionais. Os professores, de modo geral, mostraram-se conscientes das necessidades diferenciadas do público da EJA. Todos afirmaram acreditar na importância de relacionar os conteúdos à vida dos alunos. Um dos docentes afirmou: *"Meu aluno chega aqui depois de um dia inteiro de trabalho pesado. Se eu der uma aula puramente teórica, perco ele em dez minutos. Então tento trazer algo que dialogue com a realidade dele, para prender a atenção"*.

Essa fala ilustra a sensibilidade do professor em adequar a prática pedagógica. Por outro lado, os professores também desabafaram sobre as condições de trabalho: alunos de etapas diferentes juntos – quando há baixa matrícula, falta de materiais de apoio específicos e pouca participação em cursos de formação continuada voltados à EJA. Sentem-se às vezes isolados, tendo que inovar por conta própria. Sugerem que haja mais troca de experiências entre educadores de EJA e formação em serviço, o que é convergente com a literatura que enfatiza a profissionalização do educador de jovens e adultos.

Do ponto de vista dos alunos entrevistados, a maioria manifestou satisfação em ter retornado aos estudos e elogiaram o ambiente da escola. Relatos como *"aqui os professores entendem a nossa correria, são pacientes"* ou *"na EJA me sinto respeitado, diferente de quando estudei no diurno, que me sentia deslocado por ser mais velho"* indicam a relevância da prática. Sobre o currículo, alguns alunos disseram achar certas matérias "difíceis" ou "distantes", citando Química e Física, principalmente, mas reconhecem a importância de aprender: *"É complicado pra mim, mas sei que preciso do diploma e também acabo aprendendo coisas novas que nunca tive chance antes"*. Houve quem sugerisse incluir conteúdos mais voltados à qualificação profissional ou habilidades práticas do dia a dia, indicando que veem na EJA também uma oportunidade de melhorar sua situação de trabalho.

Em síntese, os resultados deste estudo de caso revelam um cenário de equilíbrio; de um lado, a escola e seus educadores buscam se adaptar e atender às especificidades dos jovens e adultos, implementando práticas pedagógicas dialógicas, conteúdo contextualizado e ações de apoio à permanência; de outro lado, fatores estruturais impõem limites ao pleno sucesso do processo educativo. Há conquistas importantes, como um ambiente escolar acolhedor e aprendizagens significativas em temas práticos, mas persistem desafios, sobretudo quanto à abrangência do currículo e à evasão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso conduzido na escola de EJA – Ensino Médio em Caculé/BA permitiu compreender em profundidade como currículo e práticas pedagógicas se articulam na educação de

jovens e adultos em nível médio. Constatou-se que, embora o currículo seja equivalente ao do ensino regular, sua implementação passa por adaptações necessárias para torná-lo viável e significativo ao público adulto. Os professores exercem um importante papel de mediadores, selecionando e contextualizando conteúdos de forma a conectar o saber escolar à realidade dos alunos, evitando a infantilização do ensino e valorizando as experiências de vida que cada um traz para a sala de aula.

Do ponto de vista das práticas pedagógicas, o caso evidenciou a efetividade de metodologias dialógicas e participativas, alinhadas à pedagogia de Freire, em engajar estudantes que, de outra forma, tenderiam ao desinteresse pelo ensino tradicional. Atividades contextualizadas – como resolução de problemas do cotidiano, leitura de textos funcionais e debates sobre temas sociais – mostraram-se capazes de despertar o interesse e promover aprendizagem relevante. Ademais, o apoio mútuo entre estudantes e a relação próxima e respeitosa com os docentes contribuem para um clima propício à educação de adultos, corroborando princípios da *andragogia*.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Grácia Maria Nolasco Fraga. Jornada de alfabetização de jovens e adultos no Maranhão: as implicações na vida dos egressos. 2024. 209 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação/CCSO) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.
- ASSUMPÇÃO, Solange Bonomo. A invisibilidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disputando narrativas: Uma abordagem crítica sobre a Base Nacional Comum Curricular, p. 69-84, 2022.
- BICALHO, Leozândrea da Silva. Práticas educativas libertadora na educação de jovens e adultos em Japeri: reflexões sobre a formação continuada docente. 2024. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 jul. 2000.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- CARVALHO, Kely Rejane Souza Anjos et al. Trajetória, avanços e perspectivas da EJA face à BNCC. Educação em Revista, v. 21, n. 2, p. 51-64, 2020.
- COSTA, Jonathan Affonso; HONORATO, Felipe. A modalidade E.J.A – Educação de Jovens e Adultos. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) — Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), Santos, 2020.
- DANTAS, Tânia Regina; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; OLIVEIRA, Maria Olívia de Matos. Paulo Freire em diálogo com a educação de jovens e adultos. Salvador: EDUFBA, 2020. 212 p.
- DA SILVA, Rita de Cassia Quintela; DE FARIA, Edite Maria da Silva. Práticas pedagógicas na eja ea emancipação social: Reflexões possíveis entre Boaventura de Sousa Santos e Paulo Freire. Revista Exitus, n. 13, p. 72, 2023.
- DE MELO MOURA, Tania Maria. Formação de educadores de jovens e adultos: realidade, desafios e perspectivas atuais. Práxis Educacional, v. 5, n. 7, p. 45-72, 2009.
- DOS SANTOS, Antonio Nacilio Sousa et al. DA PALAVRA A LIBERTAÇÃO—ALFABETIZAÇÃO, CONSCIENTIZAÇÃO EA PRÁXIS TRANSFORMADORA DE PAULO FREIRE. ARACÊ, v. 7, n. 2, p. 8768-8796, 2025.
- LEITE, Eliana Alves Pereira et al. Alguns desafios e demandas da formação inicial de professores na contemporaneidade. Educação & Sociedade, v. 39, p. 721-737, 2018.

MENDONÇA, Josylene Fagundes. Análise da política pública da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques em Maracanaú-CE: impactos na vida dos alunos. 2024. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista brasileira de educação, n. 12, p. 59-73, 1999.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro et al. A educação de jovens e adultos em tempos de incertezas: debates contemporâneos. Soul Editora, 2019.

OLIVEIRA, Márcia Lucas. O Ensino da Matemática a partir do Cotidiano da Educação de Jovens e Adultos. Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, p. 1-8, 2024.

PEREIRA, Diego Rodrigo. Educação de Jovens e Adultos no ensino médio no Estado do Maranhão: o abandono e a evasão escolar em questão. 2024. 176 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação/CCSO) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

SANTOS, Lilian Alves. Afrobetização: prática emancipatória na EJA. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, 11 dez. 2023.

SILVA, Cinthia Alves da. "O que há por trás do espelho": o reflexo do ensino da língua portuguesa através das propostas de gêneros discursivos no livro didático EJA moderna - educação de jovens e adultos. 2019. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

SILVA, Jaqueline Luzia da; BONAMINO, Alicia Maria Catalano de; RIBEIRO, Vera Masagão. Escolas eficazes na educação de jovens e adultos: estudo de casos na rede municipal do Rio de Janeiro. Educação em Revista, v. 28, p. 367-392, 2012.